

Volume
XVI

1º SEMESTRE DE 2019

ISSN 2237-3586

Problemas da (po)ética de Bakhtin: por uma teoria de sujeito insuficiente

Fernando Ribas Camargo¹⁶

Jacob dos Santos Biziak¹⁷

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo apontar alguns caminhos possíveis para estabelecer um diálogo entre as obras do Círculo de Bakhtin e da Psicanálise de Freud e de Lacan, a fim de construir uma teoria sobre sujeito que considere o modelo dialógico de leitura e o inconsciente. Desse modo, também objetivamos colaborar com a discussão sobre a suposta rivalidade histórica entre essas diferentes epistemologias. Para isso, será feita uma análise bibliográfica das contribuições a respeito da subjetividade produzidas por Bakhtin e Vološinov, bem como de suas relações com outras áreas do conhecimento, como a linguística saussuriana e a psicanálise.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin. Linguística. Psicanálise.

Abstract

This research aims to point out some possible ways to establish a dialogue between the works of Bakhtin Circle and the Psychoanalysis of Freud and Lacan in order to construct a theory about the subject that considers the dialogic model of reading and the unconscious. In this way, we also aim to collaborate with the discussion about the alleged historical rivalry between these different epistemologies. For this, we will make a bibliographical analysis of the contributions about subjectivity produced by Bakhtin and Vološinov, as well as their relations with other areas of knowledge, such as Saussurian linguistics and psychoanalysis.

Keywords: Bakhtin Circle. Linguistic. Psychoanalysis.

¹⁶ Instituto Federal do Paraná – IFPR – Campus Palmas, Palmas, Paraná, Brasil; fer-camargo2011@hotmail.com.

¹⁷ Instituto Federal do Paraná – IFPR – Campus Palmas, Palmas, Paraná, Brasil; orcid.org/0000-0001-9495-5171; jacob.biziak@ifpr.edu.br.

Introdução

Ao longo de toda a história da leitura e recepção do *Círculo de Bakhtin*, tanto na Europa quanto aqui no Brasil, as obras produzidas pelos intelectuais que compuseram esse grupo receberam todas a mesma denominação: obras de Bakhtin. Ao nosso ver, a unificação autoral pode parecer interessante no momento de criar uma *episteme* sobre as diversas teorias de que esses autores trataram. É uma maneira didática de apresentar esse modo ainda novo de pensamento na história da filosofia da linguagem, geralmente marcado como modelo dialógico de interpretação. No entanto, ao se proporem estudos mais específicos sobre a subjetividade, que é o que pretendemos elaborar neste e em outros trabalhos, torna-se pernicioso manter essa alcunha. Nesse sentido, sempre que alguém diz que “Bakhtin pensa assim” ou “para Bakhtin, as coisas são desse modo”, somos logo convocados a inserir todos esses autores *no mesmo saco* – como diríamos em uma linguagem mais coloquial –, ou seja, em favor de uma unidade, somos levados a desconsiderar que existem diferenças entre eles. Apesar de terem escrito as teorias em conversas de grupo, todos os nomes são apagados em função de um nome maior: Bakhtin. Com isso, até mesmo o termo diálogo se torna contraditório: se as produções eram dialógicas, graças a essa lógica universalista, acabamos conhecendo apenas um lado da história, somente um ponto de vista. E, dessa forma, falando em diálogo, acabamos alimentando um monólogo.

Portanto, concordamos com Sériot (2015) em relação à questão polêmica sobre a autoria das obras. Para ele, Bakhtin e Volóchinov não eram o mesmo autor. Em seu prefácio, Sériot reitera, principalmente, que eles não eram a mesma pessoa física. Contudo, nós não intentamos explorar essa possibilidade, não apenas por falta de suporte teórico sobre as diferenças biográficas, nem pela questão de não poder ler os manuscritos, por assim dizer, *originais*, publicados em russo; mas porque essa diferença, aqui, não nos parece emergencial. O que nos interessa é que cada obra, ainda que todas fossem produzidas pela mesma pessoa física, é fruto de um autor-criador em específico, pois a pessoa física sofre transformações ao longo de sua trajetória na história e na sociedade em que vive, dando à luz autores diferentes, em cada momento de sua vida. Desse modo, dizer que elas advêm do mesmo autor é ignorar as diferenças de estilo, de tema – os sentidos explorados em cada produção – e, principalmente, a arquitetônica das obras – ou seja, as estratégias usadas para buscar o convencimento.

Como veremos, os autores não lidam com os problemas que vão surgindo de maneira absolutamente igual. Para os propósitos deste trabalho, nossa hipótese inicial é que *O freudismo* (BAKHTIN, 2017b), *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017), *Problemas da poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2015) e *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas* (BAKHTIN, 2017a) tratam de posicionamentos que não chegam a ser diametralmente opostos, mas diferentes em relação ao que é sujeito e ao modo como a linguagem funciona a partir dele – e vice-versa. Entretanto, a princípio, convenhamos que são marcados por momentos que, neste trabalho, entendemos como evolutivos nos diálogos construídos durante as reuniões do Círculo, principalmente.¹⁸

Depois de verificar a possibilidade de uma diferença teórica entre essas obras – talvez, mesmo, evolutiva –, nosso próximo passo será buscar um caminho mais justo a respeito da teoria do sujeito, na filosofia da linguagem, não no sentido de reduzir ou delimitar, mas de ser ético, polifônico, de respeitar as diversas vozes dessa interlocução. Para isso, faremos, em outros momentos (AUTOR, 2018), uma releitura do viés psicanalítico de interpretação do sujeito, agora, também recorrendo principalmente a Lacan, com o intuito de reavaliar a grande rivalidade entre o Círculo e a Psicanálise, implantada, justamente, devido ao que chamaremos de *tradição monológica de leitura do Círculo* (a ser explicitada neste trabalho).

Para fazer essas teorias dialogarem melhor, utilizaremos a obra literária *Níetotchka Niezvânova* (2009), de Dostoiévski, como corpus de análise. A escolha justifica-se porque, nesse livro, Dostoiévski permite que o eu das personagens seja visto a partir de suas relações – interlocuções – em níveis imediatos (conversa presencial) e em planos mais distantes – os diálogos com o passado –, o que nos permitirá explorar mais detalhadamente cada um dos caminhos metodológicos que os autores propuseram. Para isso, haverá, ainda, a possibilidade de nos embasarmos na própria análise que Bakhtin fez da produção dostoiévskiana, para, em seguida, podermos ampliar nosso horizonte de leitura sobre Dostoiévski, recorrendo, por exemplo, à psicanálise lacaniana.

1. Nossa pesquisa é política

¹⁸ Por se tratar de uma pesquisa inicial sobre as diferenças teóricas dentro do Círculo de Bakhtin, optamos por não averiguar todas as obras de uma vez só. Assim, uma pessoa mais experiente no assunto poderá sentir falta de obras como *Os gêneros do discurso* ou *Estética da criação verbal*, que, em um trabalho mais extenso, poderiam ser, também, contempladas.

O sentido de política que pensamos para este início de empreitada teórica é como um exercício de intervenção nos estudos atuais sobre linguagens e subjetividade. Não falamos de *política partidária*, como no senso comum. Política é toda forma de participação em uma dada realidade histórico-social, seja para reforçar, rejeitar ou questionar um ponto de vista, um posicionamento. Nesse sentido, toda fala é política, porque busca alcançar algum objetivo, na cena em que é enunciada, mas nem todos os sujeitos que falam assim a percebem. Como chegamos ao âmbito científico, com essa pesquisa, sabendo de nossa condição de falantes, deixamos claro que nos percebemos fazendo política, apesar de estarmos à mercê de nos enganarmos em um ou outro momento, ao longo deste trabalho. Queremos, acima de tudo, propor uma reflexão mais aberta sobre Bakhtin e as outras áreas de estudo de linguagens, mais especificamente, a psicanálise. O que nos permitiria fazer um exercício de leitura diferenciado, mais democrático¹⁹, do sujeito, seja na literatura – no mundo artístico – ou fora dela, como na clínica, atendendo pacientes. A partir disso, o questionamento que nos motiva a começar é: como duas áreas, aparentemente, tão distantes e, até mesmo, em um certo ponto, rivais, poderiam caminhar juntas? Seriam elas tão distantes assim?

Para sanar tais dúvidas, antes, precisamos entender como se chegou a esse estado de rivalidade. Portanto, aqui, buscaremos compreender algumas questões espinhosas dessa problemática, não nos esquecendo, ainda, de apontar como cada um dos nossos autores procurou lidar com elas.

2. A filosofia da linguagem e o lugar do círculo de Bakhtin

Quando nos propomos a estudar o funcionamento da linguagem, querendo ou não, esbarramo-nos com perguntas assim: a linguagem é algo da nossa mente, ou da sociedade em que vivemos? Seria ela a responsável por nos mostrar a verdade sobre o mundo, ou o que ela nos mostra são apenas pontos de vista, por assim dizer, distorcidos da realidade? Historicamente, essas indagações têm sido um problema, pois é graças a conclusões tiradas a partir delas que a ciência e a filosofia operam. No entanto, como

¹⁹ Se o uso que fazemos da linguagem é um recurso político, a democracia, por sua vez, se torna um olhar respeitoso que lançamos à linguagem do outro, permitindo que ele também possa atuar ativamente nessa realidade. Em outras palavras, falaremos do Círculo de Bakhtin, que tentava entender o sujeito como uma instância consciente; no entanto, não deixaremos de lado a existência do inconsciente, como consideraram Freud e Lacan.

afirma a pesquisadora Helena Martins, em seu texto "Três caminhos na filosofia da linguagem" (2014), a cultura ocidental – essa que dizemos ser um desdobramento da cultura grega – recebeu uma herança injusta dos três filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles. Trata-se de uma visão negativa que eles tinham sobre uma das formas de responder essas questões pontuadas logo acima, que é o ponto de vista social e não essencialista da linguagem, chamado, também, de visão *pragmática* das coisas.

Em seu texto, Martins situa três correntes de pensamento nos estudos da linguagem: a pragmática, o modelo mentalista e o modelo realista. A partir disso, ela tenta encaixá-los com o pensamento dos filósofos antigos, mostrando como essas visões eram articuladas por eles.

Em suma, a autora diz que Sócrates e Platão, adeptos da corrente realista, acreditavam que as coisas existem antes mesmo de haver uma linguagem para falar delas, e que, portanto, a linguagem seria uma cópia exata (porém parcial) da realidade. Realidade e linguagem, então, seriam duas coisas separadas. Por outro lado, afirmando que a linguagem, presente nas práticas sociais, é que produz ou cria a realidade, e que nada subsiste a ela – à linguagem –, havia os filósofos sofistas, que eram os pragmáticos. Relutantes à ideia de essência, eles estariam na contramão dos filósofos realistas: a realidade é um efeito de linguagem. Certamente, Sócrates e Platão reagiram a essa última abordagem. Além deles, ela também foi refutada por Aristóteles, que não acreditava na ideia de a sociedade manipular o pensamento das pessoas. Para ele, é a mente que, desde que nascemos, nos fornece os significados e sentidos das coisas – apesar de ele ter acreditado que todo mundo enxerga as coisas da mesma forma.

Em desvantagem, os perdedores dessa disputa teórica foram os sofistas. Desde então, como aponta a autora, o caráter social da linguagem (e da realidade) veio sendo desprezado pelos estudiosos. De pragmatismo, essa abordagem passou a ser chamada, pejorativamente, de relativismo.

De certa forma, usando outros termos, essas abordagens também foram comentadas por Volóchinov (2017). Porém, suas críticas são voltadas, principalmente, aos filólogos: aqueles que, desde muito tempo, se propuseram a estudar as línguas, como no caso dos Vedas (por volta de 1500 a. C.). Segundo ele, além da visão pragmática, a visão mentalista também foi desprezada por muito tempo pela cultura ocidental. O que importava para os estudos ocidentais era apenas o caráter formal das línguas, nunca o seu uso prático, nem as mudanças que elas sofrem com o tempo. Foi

somente no Romantismo que começaram a ressurgir estudos de análise mentalista. Incentivados pelas longas reflexões individuais – os solilóquios – das personagens da tradição literária romântica, os primeiros estudos modernos que contemplavam uma visão interior do ser humano começaram a aparecer na ciência da linguagem. Esses estudos deram origem ao que Volóchinov chamou de psicologia.

A psicologia de que o autor fala, entretanto, não é a mesma que conhecemos hoje em dia. Os psicólogos do Romantismo estavam mais para críticos literários, eles se debruçavam sobre a literatura e se dedicavam a estudar as obras, sempre procurando a relação das narrativas com a mente do autor, com sua vivência individual, sua biografia e assim por diante. Foi somente depois de muitos anos que esses estudos foram implantados nas clínicas para o tratamento de pessoas; e muitos críticos literários foram se transformando, aos poucos, em médicos psicólogos, ancorados nessa psicologia e na medicina.

Pouco mais tarde, no início do século XX, o descontentamento com a manipulação das massas e a explosão das lutas sociais, principalmente na Rússia, causaram a necessidade de se produzir teorias sociológicas que fundamentassem essas lutas. Eis que as obras de Karl Marx conseguem ganhar maior visibilidade na Rússia e, então, surgem diversas leituras e estudos a partir de seu trabalho. Tratam-se de abordagens *marxistas*.²⁰ É lendo e interpretando essa vertente social que o Círculo de Bakhtin foi fundado. Segundo Fernandes (2018), “nos anos vinte, o partido comunista solicitou à intelectualidade soviética que se mobilizasse em torno da luta de classes, com o intuito de unificar a teoria marxista e formar novas gerações dentro do espírito do materialismo militante”. Quando Volóchinov escreveu *O freudismo*, portanto, era provavelmente a esse chamado que ele estava respondendo. Na época, a psicanálise também era, ainda, um campo emergente, mas que conquistou rapidamente a confiança de pesquisadores de várias partes da Europa. Por ser entendida por muitos como uma vertente da psicologia e da medicina, a psicanálise foi tida como uma teoria burguesa, e precisava, então, ser duramente combatida, assim como todos os métodos de estudo que não priorizavam as lutas de classe. O caminho estava novamente propício para que o pragmatismo se fortalecesse.

²⁰ Esse nome, inclusive, é trazido no título do livro de Volóchinov: *Marxismo e filosofia da linguagem*, embora tenha sido deixado no singular, o que acaba por sugerir a existência de uma leitura única das obras de Karl Marx. Respondendo criticamente a isso, Sériot (2015) faz uma troca, em seu prefácio a essa obra. De *marxismo*, o título passa a ser *Vološinov e a filosofia da linguagem*, trazendo à luz o fato de a obra não ser uma leitura universal de Marx, mas posicionada e especificamente situada.

Esse posicionamento hostil em relação às tendências não marxistas criou, no Círculo, um dispositivo diferenciado de leitura do ser humano. Ele e sua linguagem passaram a ser considerados um produto do meio em que se vive, bem como representantes das diversas lutas de classe na sociedade. Mas há um certo cuidado que devemos tomar em relação a isso. É o que veremos a seguir.

3. Linguística e psicanálise: vilãs do círculo?

Anteriormente, afirmamos que a postura a ser tomada contra as outras tendências da filosofia da linguagem, por parte de muitos estudiosos marxistas, era de combatê-las duramente. De fato, isso foi bastante forte no início do século passado. No entanto, nem todas as obras do Círculo de Bakhtin adotaram essa medida de repressão. É aqui que encontramos a primeira diferença entre os autores.

De modo análogo, a relação do Círculo com a linguística também chama a atenção. Se desejássemos realizar uma análise do nosso corpus, *Niétotchka Niezvânova* (DOSTOIÉVSKI, 2017), baseando-nos em Bakhtin – entendendo-o de uma perspectiva ampla, aquela que denunciamos no início deste trabalho –, seria prudente que nos apoiássemos, também, na linguística para interpretá-la, isto é, que recorrêssemos ao campo de estudo inaugurado pelos Vedas e sistematizada por Saussure? A resposta é duvidosa: diríamos, a princípio, que não, caso lêssemos *Marxismo e filosofia da linguagem*; e diríamos que sim, de acordo com as *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*.

Em *MFL*²¹, encontramos um rompimento com os estudos linguísticos da época, que o autor denominou *objetivismo abstrato*. Para ele,

a realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados (VOLÓCHINOV, 2017, p. 218-19).

Vemos que Volóchinov interpretou e explicou a teoria de Saussure como um mecanismo desligado de qualquer sujeito ou meio social (uma teoria *objetiva* e

²¹ Por precisarmos recorrer às obras diversas vezes, seguindo alguns modelos utilizados pelos tradutores, optamos por abreviá-las da seguinte forma: *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017) como “MFL”, *Problemas da poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2015) como “PPD” e as *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas* (BAKHTIN, 2017a) simplesmente como “Notas”.

abstracta); depois, tentou se afastar dessa linguística entendida por ele para erguer sua teoria fundamentada no caráter social do enunciado, anulando a possibilidade de estudos em morfologia e em fonética, por exemplo. Sobre isso, Sériot é categórico:

Volóchinov move sua acusação contra Saussure porque não vê que ambos se encontram em terrenos de tal modo diferentes que não têm chance alguma de se encontrarem. Se ele não consegue “falsificar” Saussure, é simplesmente porque não falam da mesma coisa: os objetos de ambos são incomensuráveis. Mas em lugar de admitir que existem maneiras diversas de se ocupar da linguagem, ou que um objeto de conhecimento deve primeiramente ser definido no interior de um quadro teórico determinado, Vološinov se apoia em sua busca da *essência real* da linguagem para reivindicá-la como único e exclusivo método de investigação. Repreender os formalistas por só se interessarem pelas formas é um despropósito: alguém repreende um padeiro por não vender peixe? (SÉRIOT, 2015, p. 112, grifos do autor)

Apesar de concordarmos com as críticas de Sériot, que reforçam nosso ponto de vista sobre *MFL*, temos de ser justos em esclarecer que Volóchinov não descarta *totalmente* qualquer possibilidade de estudo linguístico. Como ciência, ele acreditava que ela deveria se voltar ao estudo das formas sintáticas. Ao final do livro, inclusive, ele expõe uma possibilidade de abordagem dos tipos de discurso ancorados na sintaxe. O que podemos afirmar, portanto, é que há um descarte, sim, das teorias linguísticas que ele abordou em seu livro, mas que não significa que a ciência das formas linguísticas esteja completamente fadada ao fracasso. Ainda assim, aqui nos pesam, uma outra vez, as palavras de Sériot, que também questionou o fato de ele ter ignorado, em suas explicações sobre essa ciência, linguistas como M. Bréal, que se dedicou a promover “uma abordagem ao mesmo tempo social e semântica da linguagem” (SÉRIOT, 2015, p. 109). A esse fechamento autoritário por parte de Volóchinov chamaremos *tradição monológica de leitura*, o que encontraremos novamente em outras publicações do Círculo, como em *O freudismo* (BAKHTIN, 2017b), que abordaremos mais detalhadamente em outro momento.

Diferentemente da postura do autor de *MFL*, nas *Notas*, conseguimos perceber uma disposição maior ao diálogo entre modelos distintos de pensamento:

A delimitação benevolente e depois a cooperação. Em vez de descobrir a veracidade (positiva) relativa (parcial) das suas teses e do seu ponto de vista, os indivíduos procuram – e com isso perdem todas as suas forças – refutar e destruir inteiramente o seu adversário, tendem para a destruição total do ponto de vista do outro.
[...]

Nenhuma corrente científica (nem charlatona) é total, e nenhuma corrente se manteve em sua forma original e imutável. Não houve uma única época na ciência em que tenha *existido* apenas uma única corrente (embora quase sempre tenha existido uma corrente dominante). Não se pode nem falar de *ecletismo*: a *fusão* de todas as correntes em uma única seria mortal para a ciência (se a ciência fosse mortal). Quanto mais delimitação, melhor, desde que sejam delimitações benevolentes. Sem brigas na linha de delimitação. Cooperação. Existência de zonas fronteiriças (nestas costuma surgir novas correntes e disciplinas). (BAKHTIN, 2017, p. 27-28, grifos do autor)

Com essa passagem, datada de 1970-71, mais de 40 anos após *MFL*, podemos notar que não há consonância entre as duas obras. Bakhtin, aqui, parece muito mais próximo ao Bakhtin de *PPD*, este que analisou cuidadosamente a poética dostoiévskiana a partir da cooperação com a linguística. Segundo ele, sua teoria sobre o diálogo na literatura estava intrinsecamente ligada à linguística. Mas precisava de algo a mais, e, por essa necessidade, ele decidiu inserir o prefixo *meta* no termo linguística. A *metalinguística* nos parece muito mais justa com os estudos já existentes do que o descarte realizado por Volóchinov. Mas precisamos ter o cuidado de não confundir com o termo *metalinguagem*. A metalinguagem é comumente compreendida como uma linguagem que fala a respeito dela mesma. Como um poema que expressa a dificuldade do poeta em terminar de escrever o próprio poema. A metalinguística se refere ao nível gramatical funcionando dentro do universo social, isto é, no nível cultural de tratamento do signo.

Assim, respondendo positivamente ao nosso questionamento anterior sobre o diálogo entre essas duas vertentes da filosofia da linguagem, podemos examinar, logo de início, o título do nosso corpus: *Niétotchka Niezvânova*. Trata-se de um apelido, e não nos parece uma escolha aleatória do autor. Com o primeiro nome, por exemplo partindo de um certo desmembramento, temos: *Niét* (*Hem*, em russo), que significa *não*, ou *nada*, e *otchka* (*очка*) que deixa a primeira parte na forma diminutiva – sugerindo algo como *criaturinha sem nome*, ou *criaturinha insignificante*.²² Podemos ler esse

²² Como explicado pelo tradutor Boris Schnaiderman nas primeiras páginas da obra, o nome da personagem é Ana, mas ela acaba ganhando esse apelido carinhoso por sua mãe, o qual ele traduz como “criatura sem nome” (DOSTOIÉVSKI, 2015, pág. 7). Confiamos em uma hipótese de que os nomes, em Dostoiévski, dizem muito mais sobre quem chama do que quem é chamado. Analisaremos, futuramente, a relação de Ana com sua mãe, buscando essa confirmação. Contudo, o que pontuamos, agora, é que esse nome não remete apenas ao desejo de sua progenitora, mas, como o próprio tradutor diz, a uma questão social mais ampla. Além disso, como buscamos explicar os elementos constitutivos do nome, em vez de apenas traduzi-lo, optamos por pesquisar em sites especializados no ensino do idioma (já que alguns dicionários encontram poucas explicações sobre o contexto). As considerações feitas, portanto, são com base nas explicações de Yuliya (2010 e 2011). Essa tradução não é livre de algum equívoco, já que há, provavelmente, uma diferença considerável de tempo entre o russo de hoje em dia e o da época de Dostoiévski.

nome, portanto, em diálogo com algum elemento dentro da obra, como que respondendo a outro(s) enunciado(s). E, de fato, a personagem vive toda a narrativa como uma pequena insignificante, seja no início, quando mal consegue se expressar para o mundo, ou depois que perde sua família, acabando por morar na mesma casa em que vive uma princesa da mesma idade. Eis um trecho do diálogo entre as duas personagens:

— Mas por que estás morando em nossa casa? — perguntou de súbito após uma pausa.

Olhei-a espantada, e foi como se algo me espetasse o coração.

— Porque sou órfã — respondi finalmente, criando coragem.

— Não tiveste papai nem mamãe?

— Tive.

— E eles não gostavam de ti?

— Não... gostavam — respondi com grande esforço.

— Eram pobres?

— Sim.

— Muito pobres?

— Sim.

— Não te ensinaram nada?

— Ensinaram a ler.

— Tinhas brinquedos?

— Não.

— Tinhas doces?

— Não.

— Quantos quartos tinham vocês?

— Um só.

— Um só?

— Um só.

— E tinham criados?

— Não, não tínhamos criados.

— Mas quem servia vocês?

— Eu mesma ia comprar as coisas.

As perguntas da pequena princesa transtornavam-me cada vez mais o coração. As recordações, a minha solidão, a surpresa manifestada por ela, tudo isso me atingia, ferindo-me o coração, que sangrava. Inteiramente perturbada, eu tremia dos pés à cabeça, e as lágrimas sufocavam-me.

— Quer dizer que estás contente de viver em nossa casa?

Fiquei calada.

— Tinhas boas roupas?

— Não.

— Ruins?

— Sim. (DOSTOIÉVSKI, 2015, p. 110-11)

Com esse exemplo, inferimos que ela se torna um *nada* em comparação com – ou em resposta – a princesa, alguém que é alguma coisa, ou seja, que possui uma importância maior, na aristocracia russa. Tamanha é a diferença entre a realidade social de ambas, que a princesa demonstra um certo incômodo a cada resposta de Niétotchka. Os elementos linguísticos, como o nome da personagem, portanto, sugerem um diálogo

com outros elementos linguísticos, que, por sua vez, possuem determinados valores sociais, como *princesa* – um título de nobreza. Aqui, vemos funcionando a teoria de Saussure sobre o valor social do signo linguístico e sua relação de diferença para com outros signos – estando imersos no seio de uma sociedade. O que seria isso senão uma possibilidade de abordagem do dialogismo a partir da linguística?

De igual modo, poderíamos nos perguntar em relação à psicanálise: é ela uma teoria digna de diálogo com o Círculo? Nossa resposta já fora mencionada de antemão pelo próprio autor das *Notas*, no trecho que selecionamos mais acima: tudo dependerá da qualidade de nossa “delimitação” e do nível de “cooperação” entre elas; ou seja, se deixarmos bastante claro em que sentido ambas as teorias podem conversar.

4. A quem interessa o monólogo

A ciência da linguagem é um campo bastante amplo, que envolve diversas áreas de estudo. Não apenas as chamadas ciências humanas, mas as ciências da natureza também fazem parte desse universo, pois elas também estudam formas específicas de linguagem. O que tem acontecido com frequência cada vez maior é a limitação do funcionamento da linguagem a impulsos de neurônios, em se tratando da neurociência, por exemplo, e a questões de genética ou hereditárias, no caso da psiquiatria. Por influência de uma visão orgânica, o lado social tem perdido seu espaço. A psicologia é um desses terrenos que se situam nas bordas do social e do orgânico. E, por conta dos avanços da psiquiatria e da farmacologia, os pacientes são tratados cada vez mais com remédios (QUINTELLA, 2018). Para muitos psiquiatras, o sintoma já não expressa uma relação com a vivência social, menos ainda com a ideia de embates ideológicos.

O que a psicanálise procura fazer, dentro desse âmbito, é se aliar à psicologia e agir como uma ponte que liga os problemas do corpo e da mente a respostas do sujeito diante de sua vivência na sociedade. Daí a sua importância. A psicanálise é um ponto de resistência da visão social no campo da psicologia.

Além de combater nessa frente, diversos psicanalistas também acabaram sofrendo duras críticas de estudiosos influenciados pela filosofia tradicional. Geralmente confundida com a ideia de *alma espiritual* ou, até mesmo, como misticismo — devido ao antigo método de hipnose, abandonado por Freud logo nos primeiros anos de sua pesquisa —, a teoria do inconsciente é bastante subestimada pelos estudiosos das

lutas sociais. Contudo, desde o surgimento do pós-estruturalismo²³, por volta de 1960, há quem se dedique a provar a importância do inconsciente, principalmente, para as ciências humanas.²⁴

Como tentaremos mostrar em outro momento de nosso trabalho, aceitar que o inconsciente existe significa abrir mão da certeza de que o sujeito possui controle sobre si mesmo e sobre sua fala. Se o eu se descobre como *não sendo senhor da sua própria casa*, seguindo a metáfora freudiana, ele (que pode muito bem ser o próprio pesquisador) também fica à mercê do desconhecimento de seu objeto de estudo, este que se constitui, de certa forma, como objeto de desejo (PÊCHEUX, 2014, p. 66). Logo, a resistência ao inconsciente também se lança sobre a própria teoria. Quanto a isso, poderíamos até ousar e tomar emprestada uma das notas de Bakhtin (2017a, p. 37) para fundamentar nossa crítica: “a metodologia da explicação e da interpretação se reduz com muita frequência a essa descoberta do repetível, à inteiração do já conhecido, e se percebe o novo o faz apenas em forma empobrecida e abstrata”. Portanto, lançar mão da psicanálise, ao estudar linguagens, significa *despossuir* a certeza de que o sujeito sempre vai responder da mesma e repetida forma em determinada situação comunicacional, de que não há mal-entendidos nem ambiguidades na linguagem.

Os próprios leitores do Círculo de Bakhtin, ao descartarem a psicanálise, ficando apenas com o conhecimento teórico de sempre — aquele que constroem lendo *MFL*, por exemplo —, estariam se protegendo da possibilidade de que suas certezas sobre o que é sujeito venham a se enfraquecer, a se dissolver no diálogo com outros autores e outros modelos de pensamento. É evidente que a busca por uma consciência plena no sujeito, sem obscuridades e contradições, facilitaria o trabalho do analista de um texto, mas alimentaria, por outro lado, a tradição monológica de leitura do Círculo, que há pouco denunciaremos.

²³ O pós-estruturalismo é um movimento científico marcado por diversas releituras e formulações a partir de teorias estruturalistas, como a de Lévi-Strauss e Ferdinand de Saussure. Se o estruturalismo era lido, seguindo o exemplo de Volóchinov, como uma teoria que afirmava que, para interpretar uma obra literária, basta lê-la de *cabo a rabo* e analisar sua estrutura, o pós-estruturalismo surge para mostrar que essa obra está situada em uma cultura, em uma certa sociedade e em um momento da História. Isso tudo influencia no processo de escrita da obra. Sem entender essas condições de produção, a leitura fica comprometida. Convém ressaltar que o Círculo de Bakhtin é tido por muitos pesquisadores como uma vertente pós-estruturalista, apesar de a maioria dos livros terem sido publicados na primeira metade do século XX. Isso acontece porque a visibilidade do grupo só foi amplamente difundida quando, na década de 1960, Roman Jacobson publicou uma tradução de *MFL* na França, um dos lugares em que o Pós-estruturalismo teve mais seguidores. Outros estudiosos pós-estruturalistas são: Michel Pêcheux, Michel Foucault, Jacques Derrida, Jacques Lacan (de maneira muito peculiar), Jaqueline Authier-Revuz, entre outros.

²⁴ Esse é o caso de Michel Pêcheux (1995).

Considerações finais

Durante todo nosso trabalho de diálogo entre essas duas teorias da linguagem, pudemos perceber várias diferenças. A principal delas é o campo de atuação. O Círculo de Bakhtin nunca teve a mesma preocupação clínica que a psicanálise. No entanto, ambas as áreas de ocupação da linguagem levantaram discussões muito semelhantes, como também pudemos perceber. Vimos que o sujeito não é uma entidade fechada, mas que seu aparecimento ocorre na linguagem, e depende da relação dele com outros corpos.

As visões de Volóchinov sobre a psicanálise tratavam-se de uma interpretação diferente da nossa época a respeito de como Freud trabalhava. Ainda hoje, pode acontecer de existirem visões do método psicanalítico freudiano como algo restrito a um só corpo, que diz respeito aos hormônios ou à biologia, por exemplo. É por isso que, no trabalho completo, buscamos auxílio nas leituras que Jacques Lacan fez dos escritos freudianos, sobretudo no *Seminário, o livro 11*, em 1964 (2008). Assim, identificamos um Freud diferente daquele descrito por Volóchinov, o que nos permitiu fazer os conceitos de inconsciente e de consciência dialógica se entrelaçarem, para buscarmos descobrir de que se trata o sujeito.

Considerando a existência da consciência e do inconsciente, o afastamento entre as diferentes áreas que estudam subjetividade – mantendo cada uma em seu canto – não é muito sadio para a compreensão dessa dinâmica do sujeito, já que os dois termos são interdependentes. Nossa teoria não foi, de todo, inovadora por tentar esse diálogo, uma vez que encontramos e nos ancoramos em pesquisadores que também problematizaram a dinâmica da linguagem, como Michel Pêcheux (1995), Jaqueline Authier-Revuz (1984) e Mônica Zoppi-Fontana (2005). O que fizemos foi buscar, nas bases que fundam os sujeitos do Círculo de Bakhtin (no plural, pois não se trata de uma única visão sobre o que é ser sujeito), uma estrutura de apreensão do mundo próxima à do sujeito da certeza, comentado por Lacan. O que ambos têm em comum, nessas bases, é que, enquanto seres falantes, os sujeitos estão sempre dialogando com suas memórias, estão respondendo ao que lhes parece estar irrealizado em suas vidas, tentando se realizar, percebiam eles isso ou não.

Ao longo do trabalho, apontamos para vários caminhos possíveis de diálogo, os

quais, muitas vezes, decidimos não trilhar, mas deixamos em aberto. Sendo assim, afirmamos que não apenas o sujeito é insuficiente, mas, também, essa *nova* teoria, como procuramos mostrar logo no título.

Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité(s) énonciative(s). **Langages**, [s.l.], v. 19, n. 73, p.98-111, 1984. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.3406/lgge.1984.1167>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017a.

_____. **O freudismo: um esboço crítico**. Tradução e prefácio de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017b.

DOSTOIÉVSKI, F. **Niétotchka Niezvânova**. Tradução, posfácio e notas de Boris Schnaiderman. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

FERNANDES, S. A. F. A complexa relação entre a Psicanálise e o Marxismo. *Revista Olhar*. Ano 03. Nº 5-6. JAN-DEZ/01. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar5-6/sergio.pdf>>. Acesso em 25 fev. 2018.

LACAN, J. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MARTINS, H. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Org.) **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, volume 3. São Paulo: Cortez, 2004, pp. 439-473.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T (orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014. P.59-158

QUINTELLA, R. R. Questões acerca do diagnóstico da depressão e sua relação com o campo médico e científico. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 60, n. 28, p.83-95, 2010. Disponível em:
<<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=3512&dd99=view&dd98=pb>>.
Acesso em: 27 fev. 2018.

SÉRIOT, P. **Vološinov e a filosofia da linguagem**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na filosofia da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

YULIYA. Frases de negação. 12 mar. 2010. Disponível em:
<<http://aulasderussogratis.blogspot.com/2010/03/frases-de-negacao-e-interrogacao.html>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

_____. Aumentativo e Diminutivo da língua russa. 12 mar. 2011. Disponível em:
<<http://aulasderussogratis.blogspot.com/search?q=diminutivo>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

ZOPPI-FONTANA, M. G. O outro da personagem: enunciação, exterioridade e discurso. In: BRAIT, B. (Org). **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005, p.108-118.